

Medicina e espiritualidade Mitopoética do adoecer e da cura

Wesley Aragão de Moraes

Médico antroposófico e antropólogo, PhD.

Endereço para correspondência: wama933@oi.com.br

Um médico não tem o direito de terminar uma refeição, nem de escolher hora, nem de perguntar se é longe ou perto, quando um aflito lhe bate à porta. O que não acode por estar com visitas, por ter trabalhado muito e achar-se fatigado, ou por ser alta noite, mau o caminho ou o tempo, ficar longe ou no morro; o que sobretudo pede um carro a quem não tem com que pagar a receita, ou diz a quem lhe chora à porta que procure outro – esse não é médico, é negociante da medicina, que trabalha para recolher capital e juros dos gastos da formatura. Esse é um desgraçado, que manda para outro o anjo da caridade que lhe veio fazer uma visita e lhe trazia a única espórtula que podia saciar a sede de riqueza do seu espírito, a única que jamais se perderá nos vais-e-vens da vida.

Dr. Adolfo Bezerra de Menezes (Gama, 1983).

Resumo: Neste ensaio pretendo demonstrar a relação entre os princípios mais humanísticos, universais e sagrados da medicina e aquilo que em diversas culturas, inclusive a nossa, a moderno-ocidental, denomina-se 'caminho espiritual' ou 'iniciação' ou, conforme Jung, 'processo de individuação', ou ainda '*Bildung*'.

Palavras-chave: Espiritualidade, antroposofia, autodesenvolvimento, metanóia, paradigma e sintagma.

Introdução

A medicina, nas culturas do passado e entre outras ainda vivas, sempre esteve vinculada ao sagrado. Isto porque intuía os indivíduos que certamente há algum mistério por trás da existência, e este grande mistério tem relação direta com os revezes da vida, com o sofrimento, com a dor, com a significação dos fatos essenciais da biografia humana, com o nascimento e com a morte. Haveria algum sentido oculto em toda a existência. A medicina, então, seria uma parte mais prática disponível em diversas sociedades para se lidar com este mistério. Sem se recorrer à noção deste mistério, a existência ficaria despida de sentido, seríamos todos como que folhas soltas ao vento e levadas em redemoinho sem qualquer direção.

A noção deste mistério implica numa ordem complexa no cosmos, que poderia – como entre os gregos das confrarias iniciáticas dos órficos e dos pitagóricos, por exemplo - ser compreendida como uma

ordem matemático-musical. Esta aproximação entre música-matemática e ordem cósmica não é exclusiva dos gregos. Vamos encontrá-la também em outras culturas, como na Índia e no Egito. Para os antigos, os deuses estavam por detrás deste mistério, assim como os espíritos da natureza, as almas dos falecidos e toda sorte de forças suprassensíveis. A vida humana, assim, não seria apenas a biografia do nascimento até a morte física, mas uma sucessão de *ensomatoses* (noção órfico-pitagórica de reencarnação-reencarnação). A existência real do homem seria no plano suprassensível, sendo a vida terrena apenas um momento, um segundo, diante da eternidade. Uma vez admitido isto, apenas um passo restaria para também se admitir que haveria implicações de uma existência passada inseridas na existência seguinte – ou seja, aquela noção que a sabedoria hindu batizou de *karma*. Há ressonâncias musicais, vibrações formativas, se assim podemos dizer, que implicam na configu-

ração da estrutura do indivíduo e que passariam de uma vida para outra – porque se supõe que há, entre estas, um elo de continuidade. O universo é constituído de vínculos, de elos entre os seres, as coisas e os fenômenos, nada é isolado em si mesmo, conforme a sabedoria órfico-pitagórica, assim como entre outras sabedorias antigas e atuais.

Estas noções muitas vezes vincularam-se às religiões oficiais de diversos povos, mas, por outro lado, algumas vezes viveram e foram cultivadas à margem, ou paralelamente, às doutrinas religiosas oficiais. Isto aconteceu, por exemplo, na Grécia e no próprio cristianismo ao longo da Idade Média e dali por diante. Havia uma sabedoria profundamente aparentada aos mistérios pagãos, embora cristianizada, e não vinculada essencialmente à Igreja. Na Europa, um exemplo desta sabedoria é o rosacruzianismo, outro exemplo é a maçonaria. Foram sempre ordens iniciáticas de profissionais liberais, inclusive de médicos.

Ressurgimentos da mitopoética médica

Com a modernidade e a ascensão do cientificismo materialista, os últimos resquícios desta sabedoria médica pré-cristã foram banidos dos livros e das academias médicas. Um marco foi a banimento da alquimia das universidades, substituída pela química atomística, a partir do século XVII. Como o indivíduo foi, assim, reduzido a um mecanismo somente físico-corpóreo, perfeitamente explicável, conforme passou-se a crer, pelas leis físico-químicas, a medicina tornou-se apenas a técnica de consertar a máquina humana e o médico, antes um sacerdote, um homem-do-sagrado, tornou-se apenas um burguês que negocia a partir da doença do próximo e ganha seu dinheiro desta forma assim como qualquer outro profissional liberal – o advogado com as questões jurídicas, o engenheiro com as questões de construção civil, o professor com a escolaridade, o padeiro com a produção de pães, o alfaiate com a confecção de roupas e o médico com a doença. Isto implicou numa redução da figura do médico, que perdeu a mitopoética de sua prática. Antes, um doctoris que dominava as artes liberais e o cultivo do espírito – a *Bildung* –, agora um profissional muito mal informado sobre a cultura em geral, e um especialista técnico em sua área. No século XIX, o pensador Max Weber já havia profetizado o futuro dos profissionais liberais cuja formação tenha sido destituída das humanidades e do cultivo do espírito. Escreveu Weber (1996): “(...) os últimos homens deste desenvolvimento cultural haverão de ser designados como especialistas sem espírito, sensualistas sem coração, nulidades que imaginam ter atingido um nível

de civilização nunca dantes alcançado”.

O filósofo Michel Serres (1993) chama a atenção para que a formação e a alma do médico/terapeuta não seja empobrecida por um mero tecnicismo, e que seja devolvida ao profissional uma sensibilidade e uma bagagem de conhecimento de humanidades, ou seja, uma mitopoética que amplie seus horizontes existenciais. Não sendo assim, diz Serres, o profissional se torna um ‘bárbaro’ em termo de sensibilidade humana, e um mercenário da saúde (ou, antes, da doença), digo eu. Assim, importa muito esta espiritualidade do terapeuta, além de seu cultivo – ou *Bildung* – para as artes, para a filosofia, para as coisas essenciais da vida. Converte para este ponto, o pedagogo brasileiro Paulo Freire (1987), que fala em ‘humanizar o humano’. Na crítica destes dois pensadores – Serres e Freire –, a modernidade desumanizou as ciências, e, por conseguinte, desumanizou as práticas terapêuticas vinculadas às ciências, e, por tabela, esterilizou o espírito mitopoético da medicina, matou sua magia, seccionou seu vínculo com a essencialidade do espírito e embebeu em formol a imaginação dos médicos/terapeutas. Em grande parte, a sensibilidade ao espiritual não é somente uma questão de lógica inteligente que analisa a existência, mas sim, uma questão de imaginação criativa, de inspiração, de coração – a mesma imaginação dos poetas e artistas apaixonados pelos mistérios e pela beleza da vida.

Entretanto, renascimentos da perda mitopoética têm surgido aqui e ali. A própria Organização Mundial da Saúde, num documento de 1998, acrescentou à noção de ‘qualidade de vida’, antes definida apenas como bem estar biológico, psíquico e social, a noção de ‘bem estar espiritual’. Isto implica na noção de que há uma dimensão espiritual – e que não se confunde com as outras dimensões do indivíduo – e que carece de atenção e cuidado.

Nesta ordem de resgate de uma mitopoética da medicina podemos ainda mencionar as posturas da homeopatia de Hahnemann, das essências florais de Eduard Bach, a medicina antroposófica e o ressurgimento, no ocidente, de práticas tradicionais de medicina indiana e chinesa, assim como os neoxamanismos surgidos nos Estados Unidos e que expressam a tradução para a cultura do homem branco das práticas médicas e mágicas dos terapeutas indígenas tradicionais. Enfim, em sua maioria, práticas médicas que vão na contra-mão do *status quo*. Práticas estas que contêm, em seu corpo de conhecimento, noções de corpos imateriais, de forças suprassensíveis que poderiam afetar o ser humano, a noção de imortalidade do espírito e a noção ecológica de natureza como uma fonte inesgotável de recursos de cura e como algo vinculado à evolução

do ser humano no planeta. Trata-se, então, daquele tipo de conhecimento onde o ‘conhecimento afeta o conhecedor’ – ou deveria. A proposta gnosiológica das ciências cartesianas é de que o conhecimento não pode afetar o conhecedor, existencialmente, e este deve se manter frio e objetivo. Neste outro tipo de conhecimento, a sabedoria mitopoética, o conhecedor é não somente afetado, mas se torna comprometido com um processo de aprimoramento de si mesmo, uma vez que passa a concluir que, como ser humano, ele também é um ser espiritual inserido numa ordem cosmológica matemático-musical e que é dinâmica e, assim, evolui. Esta postura é especialmente presente na medicina antroposófica, mas também está presente na medicina hindu, na medicina chinesa, e nas práticas neoxamânicas. A homeopatia perdeu um tanto disto, ao afastar-se das questões existenciais e espirituais de seu fundador, Samuel Hahnemann, que era vitalista-espiritualista, e passou a focar apenas a clínica, isoladamente.

Mitopoéticas de cura, paradigmas sintagmas

Quando o espírito médico se propõe a curar, ele é norteado pela compaixão – uma das virtudes fundamentais do espírito refinado. A compaixão não quer provar nada, não quer testar suas verdades, não quer mostrar que tem a ‘posse da verdade’, quer apenas acudir, aliviar a dor, ajudar também a aprimorar o homem. E esta postura transcende paradigmas, transcende ‘minha verdade’ (sempre finita) e busca uma verdade maior, que seria a complexa e multifacetária verdade do homem e do cosmo. E isto é sempre uma aventura do espírito. O espírito não se prende à segurança do estabelecido, ele é aventureiro, e inquieto, e móvel, por natureza, pois anseia o infinito.

Assim, estes dois termos – paradigma e sintagma – provêm da linguística francesa saussuriana, como pares de opostos-complementares. Em linguística, paradigma é, por exemplo, uma determinada língua, um idioma, uma linguagem, enquanto sintagma constitui as infinitas possibilidades de se construir frases com palavras pertencentes a uma linguagem. Na linguística, paradigma é o banco finito de possibilidades, sintagma é a combinação, a coexistência, a correlação, a convergência para algo ou alguma coisa. Sintagma significa, do grego, ‘por junto’, ‘arrumar em conjunto’. Na teoria dos jogos, paradigma passou a significar também ‘as regras do jogo’ ou as peças do jogo; o sintagma, o que se pode fazer com as peças do jogo. Jakobson, um filósofo da linguagem (2001),

analisou a criação poética em termos de paradigma-sintagma. O poeta, ao criar, faz sintagmas inéditos e usa paradigmas apenas como ferramenta útil. Mas penso que poderíamos dizer o mesmo do músico e as notas, ou do pintor e as cores, ou do escultor e as formas básicas. Em música, paradigma seria o conjunto das notas e dos intervalos, e a criação melódica, o sintagma – que combina, reúne, e harmoniza as notas. Especialmente o termo ‘paradigma’ (modelo, em grego) foi utilizado na filosofia das ciências por Thomas Kuhn (1978) para explicar os modelos de pensamento e suas respectivas regras aceitas pela academia. Paradigma define-se como ‘um modelo’, ‘padrão a ser estabelecido como normativo para o pensamento’. Num sentido mais amplo, o materialismo é um paradigma, por exemplo, mas o espiritualismo é outro paradigma oposto. O evolucionismo é outro, o creacionismo bíblico é outro paradigma. A física atômica é um paradigma, enquanto a física quântica é outro paradigma. Thomas Kuhn observou que as ciências se constroem a partir de modelos, paradigmas, que vão se cambiando ao longo do tempo, através de mudanças paradigmáticas. As ciências não são ordenamentos fixos de pensamento e método, mas são mutáveis porque os paradigmas não duram para sempre, são substituídos por outros paradigmas. Ninguém pode sozinho mudar os paradigmas, eles são mutáveis em si mesmos, e mudam ‘a seu tempo’. Hoisel (1998) observou que o paradigma, por outro lado, justamente por ser um modelo de pensamento, limita a noção de ‘verdade’ ao interior deste modelo. O paradigma, na observação de Hoisel, é um fator limitante das conclusões, uma vez que só permite chegar às conclusões a que se quer chegar a partir de um modelo de pensamento. O que se apreende, então, não é a realidade em si, mas a interpretação da realidade a qual o paradigma adotado permite apreender. Esta observação de Hoisel remete-me a um ditado que um amigo nosso, astrônomo, sempre gosta de dizer: “todo ponto de vista é sempre a vista de um único ponto”. Em astronomia, ciência que lida com grandes dimensões de espaço, esta noção da relatividade de qualquer ponto é fundamental.

Em termos de neurociência, nosso hemisfério cerebral esquerdo seria paradigmático, propõe as regras e dá as unidades, é objetivo, analítico; enquanto o nosso hemisfério direito faz conexões, é associativo, faz sínteses, é musical e criativo, portanto, sintagmático. Em termos mitopoéticos, conforme a noção pitagórica dos arquétipos planetários, que Rudolf Steiner retoma, o paradigma é saturnino, o sintagma é jupiterino. O saturnino analisa, separa, isola, compara, dá uma identidade isolada do todo; o jupiterino faz sínteses, une os

diversos num todo, costura, emparelha e liga.

O espírito paradigmático quer afirmar sua identidade, a partir de seu paradigma, e, assim, se isola dos demais e isola todos os demais que tenham diferentes paradigmas. O espírito sintagmático quer encontrar conexões e busca, sem perder seu próprio paradigma (pois é uma decorrência dele mesmo), e encontrar vínculos universalizantes.

Esta acepção de paradigma-sintagma tem sido usada em teologia (Brustolin, 2008) para analisar as posturas religiosas mais abertas (sintagmáticas) à interação ou mais fechadas (paradigmáticas). Segundo sua análise, são paradigmáticas figuras como Madre Teresa de Calcutá, Gandhi, Martin Luther King, Francisco de Assis, entre outros.

Nesta situação, cada paradigma é um modelo de atitudes, de pensamentos, de sentimentos, de ações, fechado em si mesmo. Cada província humana é nor-teada por um modelo de comportamento e que tem suas características e sua sensibilidade própria. Cada paradigma é um ponto de vista, ou a vista de um ponto, não comunicante com outros paradigmas. O mundo da cultura, das artes, das ciências, das religiões, das idéias, seria, neste sentido, um palco onde distintos e divergentes paradigmas se apresentam ao longo de tempo, sucedendo-se diacronicamente, ou convivendo sincronicamente. Para Kuhn, os paradigmas se sucedem, em diacronia (isto é, ao longo do tempo), mudando as posturas e os focos do pensamento científico. Por outro lado, sincronicamente (isto é, ao mesmo tempo), diferentes paradigmas podem conviver ao mesmo tempo, como a física atômica e a física quântica, por exemplo – apesar de totalmente distintas, ambas são modernas e atualmente vigentes.

Nós que lidamos com a antroposofia, queremos encontrar e afirmar nossa identidade neste mundo plural. Encontrar a especificidade, de dentro do paradigma que sustenta esta identidade, para afirmá-la, para apresentá-la ao mundo, é algo válido. Entretanto, no contexto atual do mundo, não é tão válido afirmar-se qualquer identidade a partir de uma noção paradigmática que propõe “é o melhor paradigma do mundo, dentre outros tantos, o melhor para todos e o mais completo”. O jogo não é mais este. O paradigma bom para uns, não é necessariamente para outros. E há que se encontrar elos, conexões, para se viver, ou se sobreviver, neste mundo pós-moderno.

Etimologicamente, o prefixo grego *syn* passa a idéia de conjunto, de várias coisas, em um arranjo. Propõe um arranjo de pontos de vista não excludentes entre si. Por exemplo, o geocentrismo antigo (que via a Terra como centro do sistema solar) e o heliocentrismo de Copérnico tornam-se paradigmas sintagmáticos quan-

do entendidos como apenas pontos de vista, sem que um esteja certo e o outro errado: eu posso ver o sistema solar do ponto de vista da Terra, ou do ponto de vista do sol, são apenas referências que não se excluem. Sintagma, transposto para este sentido do convívio de distintas sabedorias, contém a idéia de conjunto de paradigmas ou de pluralidade com contexto, ou campo de ação, onde os paradigmas se manifestam, se expressam. Um sintagma é um conjunto possibilidades que se correlacionam e interagem. Tudo que é pensado e proposto, entendido como um conjunto de proposições, é um sintagma.

Metanóia: o espírito é sintagmático, mais do que paradigmático

Goethe (1987) dizia: “cuidado com homens de um livro só”. Nesta postura, Goethe encarnou em si mesmo o espírito sintagmático ao nível do conhecimento. Emerge em sua obra a noção romântica do ‘todo’, todo o tempo. Encontrar o tipo, a unidade na diversidade, é uma noção essencialmente sintagmática. Goethe não esteve preocupado em postular, ou encontrar, novos ou velhos paradigmas de conhecimento, mas sim em encontrar relações sintagmáticas entre os seres. Também assim foi Steiner.

O espírito, na medida em que se autorreconhece, anseia pelo infinito, anseia pela liberdade do conhecer. E percebe que esta liberdade não pode ser limitada por paradigmas. Estes são como que males necessários, instrumentos úteis, mas que podem ser relativizados sintagmaticamente diante de algo maior, diante das imensas conexões reais da vida. Minha identidade terrena é paradigmática, mas minha identidade como espírito é sintagmática. A passagem de uma postura paradigmática e limitada para uma postura sintagmática e espiritual é uma cura, uma metanóia (‘mudança espiritual’, em grego, termo utilizado tanto em religião quanto em medicina gregas). Não temos que provar ao mundo que a medicina antroposófica e a antroposofia estão aí para mudar tudo e são completas em si mesmas. Esta completude tem a ver com os paradigmas relativos e individuais, de cada um de nós. Não tem a ver com o mundo, em sua complexidade. Temos, se somos homens de espírito, que adotar o nosso paradigma como instrumento para servir ao aprimoramento do homem, para servir ao bem, à luz, ao amor, à ordem cármica que rege o mundo. Ele é apenas isto, instrumento, e não o objetivo último e essencial: este é o mundo, a humanidade, o espírito. Confundir isto é um erro fatal para a liberdade que o espírito necessita.

A hipótese da existência da espiritualidade e patologias decorrentes disto

Trabalhamos com a hipótese da existência do espiritual. O mundo acadêmico trabalha com a hipótese oposta, o espiritual não é demonstrável e portanto não é uma hipótese plausível. São duas posturas paradigmáticas. Mas, no nosso caso, ao devolvermos a mitopoética do espírito à medicina, encontrando paradigmas que norteiem esta postura, e buscando conexões sintagmáticas que a fortaleçam ou a complementem (às vezes, a própria divergência complementa), fica implícito o fato de que a dimensão da existência se amplia, torna-se mais rica, mais complexa, mais fascinante. Mas este fascínio tem os seus perigos para a nossa sanidade.

O 'espiritual' não é necessariamente a afirmação de seres invisíveis ou de Deus, mas uma postura de sacralização interior, refere-se ao melhor do homem na Terra.

Quando o 'espiritual' torna-se apenas pensado, ele se torna um conceito e o conjunto de noções que a ele remetem passam a ser um paradigma. E, como todo paradigma, como observou Hoisel, passa a constituir uma armadilha, um aprisionamento do espírito, uma limitação, ao invés de uma ampliação. O 'espiritual' enquanto apenas conceito-paradigma vira então uma ideologia, que é um ponto de vista que se pretende mais completo e perfeito que todos os pontos de vista possíveis. Esta patologia, a transposição do espiritual em ideologia, gera um enorme orgulho, uma monstruosa arrogância, a que Jung (1985), analisando esta questão nos anos 1930-40, entre 'correntes esotéricas', nas quais ele incluía a teosofia e a própria antroposofia, identificou como uma das possibilidades de 'inflação do ego'. Esta patologia faz com que o indivíduo ingenuamente acredite estar crescendo espiritualmente, estar realizando uma metanóia, uma ampliação do seu espírito, e um caminho de sabedoria, quando, na verdade, apenas entra num estado de fruição dos conceitos pensados e vividos por outro, e que se tornam a sua ideologia, e, ao falar destes, acaba por distinguir com dificuldade a diferença entre 'falar de amor' e o ato complexo e humano de amar, ou entre 'vida meditativa' e uma postura sintagmática do espírito, sintonizada no coração – e não na ideologia da cabeça – com o mistério. O lido em livros, o pensado e falado, substitui o vivido. O indivíduo, assim vitimado, perde a simplicidade, perde a autenticidade, torna-se uma pessoa complicada, arrogante, intolerante, e que acredita estar crescendo. No caso dos médicos, cuja profissão e formação já nos dá uma boa dose de arrogância e um doentio senso de superioridade intelectual falsa, este processo pode ser ainda mais grave. E, assim, nos perdemos em ilusões e em um ingênuo processo de falso crescimento, que nos afasta do essencial a que viemos: a noção fundamental de que

estamos todos ligados à humanidade, aos seres do planeta, e que, sintagmaticamente, a nossa missão primordial é o autoaperfeiçoamento moral (ou seja, tornarmos-nos melhores seres humanos, mais compassivos, mais cordiais, mais sábios, mais fraternos, mais amorosos, mais atuantes na vida, mais capazes do perdão, mais abertos) e corre-se também o risco de se esquecer da segunda missão a que nos propomos na existência: servir à vida, ao homem, ao planeta.

Retirada esta patologia de cena, o espírito pode crescer, pode aprender, pode se tornar mais e mais simples, pode encontrar na sua sabedoria do humano – na sua *antropos-sophia* – o caminho individual para o grande sintagma que o nosso tempo pede. Talvez, o tempo dos paradigmas absolutos já esteja passando, cedendo lugar ao tempo dos sintagmas e das sínteses do espírito. A medicina, e toda profissão de cura, por sua natureza, torna possível uma forma bela e muito espiritual de atuar nestes dois sentidos: o do aprimoramento do indivíduo e o do serviço ao homem e à vida.

Referências bibliográficas

- Brustolin L. *Religião e Cultura*. Porto Alegre: Mimeo, 2008. 5 p.
- Gama R. *Lindos Casos de Bezerra de Menezes*. São Paulo: Lake, 1983. 157 p.
- Goethe JW. *Máximas e Reflexões*. Lisboa: Guimarães editores, 1987. 323 p.
- Freire P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 145 p.
- Jackobson R. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2001. 162 p.
- Jung C. *Psicologia do Inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1985. 180 p.
- Kuhn T. *Estrutura das revoluções científicas*. 2a. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978. 257 p.
- Hoisel B. *Anais de um Simpósio Imaginário*. São Paulo: Palas Athena, 1998.
- Serres M. *O terceiro instruído*. Lisboa: Instituto Piaget, 1993, 158 p.
- Weber M. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1996. 150 p.

Medicamentos antroposóficos

Todos os medicamentos antroposóficos são obtidos da natureza, a partir de substâncias minerais, vegetais ou animais. Não há medicamento antroposófico sintético, embora o médico antroposófico possa recorrer aos chamados medicamentos alopáticos sintéticos quando necessário. Tampouco se concebe um medicamento antroposófico obtido de uma planta geneticamente modificada ou que em seu processo de cultivo foram usados agrotóxicos, fertilizantes químicos ou herbicidas sintéticos.

A razão disso está na visão antroposófica de que os processos fisiológicos ou patológicos do ser humano encontram na natureza algum processo correlato ou oposto. De acordo com cada caso, a medicina antroposófica indicará um medicamento para estimular no organismo humano uma reação que levará à cura ou alívio da enfermidade¹.

As farmácias Weleda comercializam os produtos Weleda e também manipulam insumos de alta qualidade, sendo a maior parte importada. Estes insumos tem sua origem rigorosamente controlada, baseada nos conceitos da medicina antroposófica.

Os produtos da Weleda, medicamentos e cosméticos terapêuticos, tem embalagens exclusivas que são capazes de preservar as propriedades naturais das substâncias e não são testados em animais. Além disso, tem outras características como:

- Ausência de corantes, conservantes ou perfumes artificiais
- Produzidos a partir de matérias-primas vegetais de cultivo biodinâmico
- Alta tolerância em peles sensíveis
- Desenvolvidos com orientação de médicos e cosmetólogos
- Produtos ricos e concentrados

Desde sua fundação, em 1921 na Suíça, a Weleda se preocupa em produzir sem agredir o meio ambiente.

Hoje o médico e o paciente podem encontrar as farmácias Weleda em 14 endereços espalhados pelo Brasil.



WELEDA

Laboratório suíço desde 1921

¹ Gardin NE, Schleier R. Medicamentos Antroposóficos ^ Vademecum. São Paulo: Ed. João de Barro, 2009, pp. 13-14.